

WILL e ARIEL DURANT

12 LIÇÕES DA HISTÓRIA

Tradução:
Mario Bresighello



COPYRIGHT © 1968 BY WILL AND ARIEL DURANT
COPYRIGHT RENEWED © 1996 BY MONICA ARIEL MIHELL AND WILL JAMES DURANT EASTON
PUBLISHED BY ARRANGEMENT WITH THE ORIGINAL PUBLISHER, SIMON & SCHUSTER, INC.
COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2018

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**
Preparação **TUCA FARIA**
Revisão **BARBARA PARENTE**
Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**
Imagem de capa © **EVERETT HISTORICAL | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Durant, Will, 1885-1981.
12 lições da história / Will Durant, Ariel Durant ;
[tradução Mario Bresighello]. — 1. ed. — Barueri : Faro
Editorial, 2018.

Título original: The lessons of history.
ISBN: 978-85-9581-018-1

1. História - Filosofia 2. Historiografia – História
I. Durant, Ariel. II. Título.

18-13623 CDD-901

Índice para catálogo sistemático:
1. História : Filosofia 901



1ª edição brasileira: 2018
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Alameda Madeira, 162 — Sala 1702
Alphaville — Barueri — SP — Brasil
CEP: 06454-010 — Tel.: +55 11 4196-6699
www.faroeditorial.com.br

PREFÁCIO



*Mulher entrega flores a soldado alemão que parte rumo à
Primeira Guerra Mundial, 1914.*

APÓS CONCLUIRMOS A *HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO* até 1789, relemos os dez volumes com a intenção de publicar uma edição revisada que corrigiria os múltiplos erros factuais, por omissão e de impressão. Ao longo desse processo, notamos acontecimentos e observações que poderiam iluminar questões do presente, probabilidades futuras, a natureza do homem e a atuação dos Estados. (As referências, no texto, aos vários volumes de *História* são apresentadas não como argumento de autoridade, mas como exemplos ou formas de esclarecimento.) Tentamos postergar as conclusões até termos

completado a pesquisa do texto, mas não há dúvida de que nossas opiniões preexistentes influenciaram a seleção do material ilustrativo. Este ensaio é o resultado. Ele repete muitas ideias que nós, ou outros, já havíamos expressado; nossa intenção não é ser originais, mas abrangentes; sugerimos um levantamento sobre a experiência humana, não uma revelação pessoal.

Aqui, como tantas vezes antes, devemos agradecer o auxílio e os conselhos de nossa filha Ethel.

WILL e ARIEL DURANT

INTRODUÇÃO

CRESCIMENTO E DECADÊNCIA



Afresco do Palazzo Vecchio construído no fim do século XIII, em Florença, na Itália.

À MEDIDA QUE SEUS ESTUDOS CHEGAM AO FIM, O historiador tem de encarar um desafio: para que serviu todo esse trabalho? Você encontrou naquilo somente o prazer de recontar a ascensão e queda de nações e ideias, de descrever de novo “histórias tristes da morte de reis”? Aprendeu mais acerca da natureza humana do que o homem comum aprenderia sem nunca abrir um livro? Conseguiu obter da história algum esclarecimento de nossa situação atual, alguma orientação para nossos julgamentos e políticas, alguma proteção à rejeição contra a surpresa e aos revezes da mudança? Encontrou certas

regularidades na sequência de fatos passados que permitam prever ações futuras dos homens ou até o destino dos países? É possível que, afinal, “a história não tenha sentido”,¹ que não nos ensine nada e que o vasto passado tenha sido apenas um ensaio fatigante dos erros que o futuro está destinado a cometer em estágio e escala maiores?

Às vezes, sentimos exatamente isso, e uma multidão de dúvidas assola nossa empreitada. Para começo de conversa, sabemos de fato como era o passado, o que realmente aconteceu, ou a história é “uma fábula” com a qual “nem todos concordam”?* Nosso conhecimento de qualquer acontecimento passado é sempre incompleto, possivelmente impreciso, ofuscado por evidências ambivalentes ou historiadores preconceituosos, e talvez até distorcidos pelo nosso patriotismo e por nosso partidarismo religioso. “Grande parte da história é adivinhação, o resto é preconceito.”² Mesmo o historiador que acredita não ser parcial em relação a seu país, raça, credo ou classe denuncia sua predileção na escolha de materiais e nas nuances dos adjetivos que adota. “O historiador sempre simplifica em excesso e escolhe apressadamente uma minoria maleável de fatos e de indivíduos em meio a uma multidão de pessoas e acontecimentos cuja colossal complexidade ele jamais pode abarcar ou compreender.”³ Mais uma vez, nossas conclusões sobre o passado e o futuro tornam-se mais arriscadas do que nunca por causa da aceleração das mudanças. Em 1909, Charles Péguy afirmou: “O mundo mudou menos desde Jesus Cristo do que nos últimos 30 anos.”⁴ Talvez algum PHD em física acrescentaria que a ciência mudou mais a partir de 1909 do que em qualquer período anterior. Todo ano — algumas vezes, nas guerras, a cada mês — uma nova invenção, método ou situação força um novo ajuste de comportamento e de ideias. Além disso, um elemento do acaso, talvez da liberdade, parece interferir na

* Referência à célebre frase de Napoleão Bonaparte: “O que é a história senão uma fábula com a qual todos concordam?”

conduta de máquinas e homens. Não temos tanta certeza de que os átomos, muito menos os corpos, agirão no futuro da mesma forma que nós pensamos que agiram no passado. Os elétrons, assim como o Deus de Cowper, movem-se de maneira misteriosa para realizar suas maravilhas,* e alguns equívocos de personagens ou circunstâncias podem desestabilizar equações nacionais, como quando Alexandre bebeu até morrer, deixando assim seu império ruir (323 A.C.), ou quando Frederico, o Grande, foi salvo da catástrofe graças à ascensão de um czar simpatizante com a causa da Prússia (1762).

Obviamente, a historiografia não pode ser uma ciência. Só pode ser um ramo, uma arte e uma filosofia — um ramo que desvende os fatos, uma arte que impõe uma ordem significativa no caos dos materiais, uma filosofia que procura perspectivas e esclarecimentos. “O presente é o passado que chega para a ação, o passado é o presente aberto à compreensão”⁵ — assim acreditamos e esperamos. Na filosofia, tentamos ver a parte à luz do todo; na “filosofia da história” tentamos ver este momento à luz do passado. Sabemos que, em ambos os casos, isto é perfeito, mas impossível: a perspectiva total é uma ilusão de óptica. Não conhecemos o todo da história humana. Provavelmente, houve muitas civilizações anteriores aos sumérios e aos egípcios — nós mal começamos a escavar! Temos de trabalhar com conhecimentos parciais e nos contentar com probabilidades. Em história, assim como na ciência e na política, a relatividade determina, e toda fórmula deve ser posta sob suspeita. “A história ri de toda tentativa de enquadrar seus fluxos em padrões teóricos ou ritmos lógicos. Ela destrói nossas generalizações, viola nossas regras. A história é barroca.”⁶ Talvez, dentro desses limites, possamos aprender com a história a suportar a realidade com paciência e a respeitar nossas decepções.

* Do primeiro verso do poema “God Moves in a Mysterious Way” [Deus se move de maneira misteriosa] do poeta inglês William Cowper (1731—1800). (N. do T.)

Uma vez que o homem é um instante no tempo astronômico, um convidado transitório da Terra, um esporo da espécie, um rebento da raça, um composto de corpo, caráter e mente, um membro da família e da comunidade, um crente ou incrédulo da fé, uma unidade em uma economia, talvez um cidadão de um país ou um soldado de um exército, podemos questionar nos campos maiores — astronomia, geologia, geografia, biologia, etnologia, psicologia, moral, religião, economia, política e guerra — o que a história tem a dizer sobre a natureza, a conduta e as perspectivas do homem. Trata-se de uma empreitada precária, e só um tolo tentaria incluir cem séculos em cem páginas de conclusões apressadas. Sigamos em frente!

A HISTÓRIA E A TERRA



*Relíquia do Mausoléu de Halicarnasso (uma das 7 maravilhas do mundo antigo)
representando a batalha entre três gregos e duas amazonas.*

VAMOS DEFINIR A HISTÓRIA, EM SUA PROBLEMÁTICA duplicidade, como acontecimentos ou registros do passado. A história humana é um ponto mínimo no espaço, e a primeira lição que ela nos ensina é a modéstia. A qualquer momento, um cometa pode chocar-se com a Terra, virar nosso pequeno planeta de ponta-cabeça e lançá-lo numa rota maluca, ou asfixiar homens e pulgas com fumaça e calor. Ou um fragmento do sol sorridente pode se desprender do astro tangencialmente — como se acredita que nosso planeta tenha feito há poucos instantes astronômicos — e cair sobre nossa cabeça em um

abraço selvagem que só causará sofrimento e dor. Em nosso caminho, aceitamos estas possibilidades e respondemos ao cosmo com as palavras de Pascal: “Mesmo que o universo o tivesse esmagado, o homem ainda permaneceria mais nobre do que aquele que o matou, pois ele sabe que morre, mas o Universo nada sabe de sua vitória.”¹

A história obedece à geologia. Todo dia o mar avança um pouco sobre a terra, ou a terra sobre o mar; cidades desaparecem sob as águas, e catedrais submersas badalam seus sinos de melancolia. Montanhas sobem e descem no ritmo da emergência e da erosão; rios aumentam e transbordam, ou secam e mudam seus cursos; vales transformam-se em desertos, e istmos, em estreitos. Da perspectiva geológica, toda a superfície da Terra é uma forma fluida, e o homem se move sobre ela de maneira tão insegura quanto Pedro caminhando nas águas em direção a Cristo.

O clima não nos controla tão severamente quanto supunham Montesquieu e Buckle, mas ele nos limita. A engenhosidade do homem quase sempre supera as dificuldades geológicas: ele pode irrigar desertos e refrigerar o Saara; pode abaixar ou erguer montanhas e sulcar colinas para plantar vinhas; pode construir cidades flutuantes para atravessar oceanos ou construir pássaros voadores para navegar nos céus. Porém, um tornado pode destruir em uma hora a cidade que levou um século para ser construída, um iceberg pode tombar ou partir o palácio flutuante e matar afogados milhares de festeiros. Caso a chuva se torne algo muito brando e raro, a civilização desaparecerá sob a areia, como acontece na Ásia Central; e caso comece a chover furiosamente, a civilização será sufocada pela selva, como na América Central. Se a temperatura média subir 20° nas zonas mais desenvolvidas do planeta, é bem provável que retornemos à letargia selvagem. Em um país de clima subtropical, as pessoas podem se reproduzir como formigas, mas o calor enervante pode deixá-lo à mercê de guerreiros vindos de habitats mais estimulantes. Gerações inteiras

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
SERMOGRAF EM MAIO DE 2018